

Paulo Rocha

Fui hoje à tarde assistir, no ANIM, à projecção privada do seu novo filme “A Raiz do Coração”, para o qual me pediu música original. Foi a primeira vez que me foi dado ver o filme desde a última pre-montagem (Março/Abril), e já com as misturas finais feitas sem a minha participação.

O resultado das manipulações a que foi sujeita a música, tanto na montagem final como na mistura, é absolutamente inaceitável, tanto no plano estético como no ético. Seja claro que não me refiro aqui às condições técnicas específicas em que o filme foi projectado nem, portanto, à qualidade geral do som do filme.

Passo a enumerar apenas alguns exemplos, sendo que, de momento, não é suposto ser esta listagem exaustiva:

### 1. Cena do cabaret

Desde o início até meio da segunda parte recitada, não se ouvem de todo os instrumentos reais gravados em estúdio, mas tão-só, ao longe, um resto dos sons electrónicos da maquete que serviu de base para a filmagem – o que aliás deixa o L.M.Cintra totalmente despojado na sua recitação.

Não é admissível que no filme apareçam sons de maquetas electrónicas que preparei exclusivamente para as necessidades da rodagem.

Aliás, o mesmo volta a acontecer, mais adiante, com a música do baile de S.Pedro de Alcântara.

### 2. Baile de S.Pedro de Alcântara

As sequências musicais produzidas aparecem totalmente truncadas, com conseqüências por vezes confrangedoramente anti-musicais, estrofes de letra cortadas a meio, etc.

Se posteriores alterações da montagem o houvessem exigido, deveria ter-me sido pedida, além da minha opinião, uma reelaboração dessa parte da música.

### 3. Canção da Sílvia

Além do abusivo corte de toda a introdução instrumental, que faz parte integrante da concepção desta canção, foi retirada a voz da actriz/cantora em toda a primeira parte, a qual aparece, pela primeira vez e a despropósito, no meio de um refrão.

Assim, nesta parte, ouve-se o som dos instrumentos acompanhantes, uma espécie de “play-back” sem qualquer objecto musical próprio, o que tira qualquer sentido à obra tal como foi por mim criada.

A mistura da parte cantada também apresenta (tal como no ponto anterior) o acompanhamento instrumental quase inaudível, e a voz da actriz quase sozinha no espaço sonoro. Esta solução é errada, a música torna-se incompreensível – se se pretendia que a voz da actriz ficasse efectivamente “perdida no espaço” então teria de ser outra a sua base musical.

Por fim, o final da canção – que a seu pedido foi feito para fazer uma ligação musical directa com a sequência seguinte (os travestis no cais) – foi também cortado, acabando a canção sem uma coisa nem outra, nem transição nem final.

### 3. Samba do Catão

Numa cena em que os corpos dos actores dançam freneticamente, e até cantam, ao som desta música, ela não se ouve. A música foi composta e executada com extrema preocupação de precisão em relação aos movimentos dos corpos e às bocas dos actores: o pouco que se consegue ouvir está desfazado.

Foi inserido, no meio da cena, incompreensivelmente, o tema do pré-genérico (negro de abertura do filme). É completamente inadequado, tanto quanto à concepção melódico-harmónica como quanto à instrumentação. Se se tornava necessário inserir algum elemento musical que lhe permitisse produzir uma descontinuidade temporal na cena, deveria ter-me pedido e eu ter-lhe-ia arranjado uma solução adequada à sua necessidade.

### 4. Sequência do escadório

Nesta sequência residem vários dos aspectos mais graves de abuso e distorção da música por mim composta.

São misturados sons de um tema que inclui trompas, com outras trompas em “som-só”, em tonalidade diferente, do que resulta uma cacofonia insuportável.

Foi feita em estúdio, sem o meu conhecimento, a separação de uma voz feminina componente de um coro a seis vozes, manipulando abusivamente as gravações multipistas e que me foram pedidas apenas para remisturar certas percussões, e só para isso. Essa voz feminina aparece desenquadrada do coro para que foi escrita, e numa altura aparece mesmo contra esse coro, com novo efeito cacofónico. (O tema de órgão destinado a apoiar harmonicamente esse coro desapareceu completamente). Essas seis vozes foram pensadas nota a nota, na sua relação e dinâmica interna, para se obter determinado resultado contrapontístico, aliás de bastante difícil execução.

### 5. Genérico de fim

Decidiu V. utilizar como fundo musical parte do “Samba do Catão” e a “Canção da Sílvia”. Só que esta aparece na versão adulterada referida acima, sendo que a última impressão musical que o espectador guarda, é a de uma espécie de aborto musical, que não é canção nem deixa de ser.

Repito que estes cinco pontos não são exaustivos. Outros atentados foram feitos, noutros momentos da música do filme, sem o meu conhecimento e muito menos com o meu acordo.

As minhas responsabilidades como artista têm referenciais estéticos mas também éticos.

Portanto, e sem prejuízo de quaisquer outras consequências que desta contrafacção possam advir, fique desde já a saber que:

- a) A minha música deverá ser integralmente retirada do filme, no todo e em cada uma das suas partes.

b) O meu nome deverá ser completamente retirado do filme, incluindo o seu genérico, os cartazes, anúncios e spots, convites, artigos, press-releases, entrevistas, e quaisquer outros materiais que o pretendam divulgar.

b) Deverá ser-me fornecida uma lista completa dos locais e entidades, portuguesas e estrangeiras, com as respectivas moradas, onde o filme já foi exibido, de forma que eu possa junto dessas pessoas defender o meu bom nome, esclarecendo-as de que não sou, enquanto compositor, responsável pelo resultado que lhes foi apresentado.

Se dentro de 72 (setenta e duas) horas não tiver V. – ou alguém que legalmente o represente – dado o devido seguimento a estas exigências, serão iniciadas diligências judiciais.

Qualquer contacto deverá ser feito com o meu advogado, cujas referências se seguem:

Dr. José António Pinto Ribeiro (Pinto Ribeiro & Associados)  
Rua [REDACTED]  
[REDACTED] Lisboa  
telefone 21 [REDACTED]  
fax 21. [REDACTED]

Sem outro assunto,

(José Mário Branco)

Lisboa, 22 de Maio de 2000.